

## **Père-Version, Perversão ou Infnitização: três saídas possíveis para uma análise**

Por Arlete Mourão  
Simpósio de São Luís  
Setembro de 2004

Com esse título, trago para discussão a delicada questão sobre o fim de uma análise, central para a formação de um psicanalista, a qual, por sua vez, é crucial para a Psicanálise. É dessa formação que depende a especificidade, a garantia do discurso e, portanto, do campo psicanalítico<sup>1</sup>, especialmente por se referir a um *produto* da própria experiência de análise, que, se levada a termo, convoca (e não habilita) um sujeito a uma escuta absolutamente diferente daquela que se passa nas relações intersubjetivas em geral: é uma escuta que produz um *efeito sujeito* em outrem<sup>2</sup> — e isso é a Psicanálise.

Essa especificidade faz com que o fim de uma análise, tanto em termos de término quanto de finalidade, não se confunda com um fim psicoterapêutico. A Psicanálise não é uma psicoterapia, no sentido da busca de alívio de sintomas. Isso não quer dizer que ela não se ocupe do sofrimento das pessoas. Ao contrário, é esse sofrimento que está no centro, na origem da descoberta freudiana — um sofrimento que faz parte da própria natureza do humano, de sua condição de *ser de linguagem*. No *folder* deste Simpósio, é a essa natureza que nos referimos como sendo a *dor de existir*.

Tomar essa dimensão do sofrimento tem por conseqüência abordar uma angústia indissolúvel, porque é estrutural do existir humano, do *afeto de existir*<sup>3</sup>, caracterizado pela eterna busca de sentido para o ser<sup>4</sup> — busca engendrada pela primitiva dependência do sujeito em relação ao Outro, à linguagem, o que lhe cria uma irrevogável defasagem, uma irrevogável falta em relação a si mesmo.

O grande mérito da Psicanálise foi ter apreendido que é essa falta, esse não-senso, que estrutura a subjetividade. A experiência analítica é a aventura no território dessa falta, para a qual não há *sacramento*, mas integração, elaboração. Se isso não é *cura*, com certeza viabiliza uma boa dose de liberdade, relativa ao *adeus à inocência*, ao “tomar para si” a responsabilidade sobre os próprios atos, escolhas, conflitos; não precisar ou não poder mais culpar o Outro ou outrem pelas dificuldades; ou, ainda, não esperar mais que venha do *além* – do *Pai* – a salvação.

É, então, dentro dessa perspectiva, que se pode falar de fim de análise, isto é, na perspectiva de um reencontro com a falta, teoricamente rotulada Castração. Esse reencontro pode ser enquadrado como uma aventura do Sintoma, que é aquilo que, em Psicanálise, refere-se à estratégia encontrada pelo sujeito para lidar com a Castração. Cada sujeito, de acordo com sua própria história, tem sua estratégia particular — estratégia que envolve o recobrimento de duas dimensões da falta<sup>5</sup>.

Uma delas diz respeito àquilo que se perde no primitivo encontro do sujeito com a linguagem — falta simbólica —, o qual se busca reencontrar pela própria linguagem. Aí, configura-se a

---

<sup>1</sup> Que não se confunde com outros, como os da Psicologia, Medicina, Filosofia, Antropologia e/ou Religião.

<sup>2</sup> Nas relações intersubjetivas, em geral, produz-se um “efeito objeto”.

<sup>3</sup> Como Lacan se referiu em seu *Seminário 22*, RSI.

<sup>4</sup> O ser, em si, é da ordem do não-senso, é da ordem do irrepresentável.

<sup>5</sup> Que, de fato, são os dois eixos da subjetividade e os dois eixos fundamentais de todo o desenvolvimento teórico lacaniano. É impossível apreender essa obra sem tomá-los por referência. O *campo do significante* (do desejo) corresponde à primeira (e maior parte) dela (anos 50 a 70 = tópicos do imaginário e do simbólico) e o *campo do objeto a* (campo do objeto e do gozo), ao seu final (anos 70 = tópica do real).

dimensão da busca de sentido, que é o campo do significante, campo do Outro. Nessa via, onde se viabiliza o desejo e também o amor, tem-se os sintomas propriamente — sintomas enquanto formações do Inconsciente, enquanto defesas neuróticas contra a Castração: histeria, fobia e neurose obsessiva. Cabe lembrar, nesse ponto, que a neurose é o negativo da perversão.

A outra dimensão diz respeito à falta que fica inscrita no corpo, como aquilo que não consegue se fazer representar, nem em imagens, nem em significantes, ou seja, aquilo que fica como marca da perda, marca no corpo — falta real —, a qual o sujeito tenta resolver pela via da pulsão. Nessa via, onde se viabiliza o campo do gozo, do objeto *a*, tem-se o sintoma enquanto letra, enquanto *sinthome*, definindo a estrutura do sujeito: neurose, perversão ou psicose.

É o arranjo subjetivo dessas duas vertentes da falta que compõe aquilo que teoricamente é denominado fantasia fundamental ( $S \diamond a$ ). Nessa montagem, o que fica assegurado é o sentido ou a determinação do sujeito que, como se sabe, é indeterminado. Essa determinação se dá pela costura ou fixação do sentido<sup>6</sup> a uma das equivalências do *objeto a* (seio, fezes, olhar e voz). Trata-se, aí, de uma garantia de determinação pela via da identificação (imaginária e simbólica); de uma junção daquilo que é disjunto: desejo e gozo. O importante a ser retido dessa junção, dessa determinação/identificação, é que ela institui um saber — e um saber de modelo perverso. Há, aí, uma recusa da Castração.

Pois bem, chegar ao fim de uma análise é a possibilidade que um sujeito tem de se encontrar, de se flagrar nessa estratégia do seu fantasma — é isso que quer dizer *travessia da fantasia*, ou seja, atravessamento desse contexto de saber perverso.

Para se chegar a isso, é preciso que o sujeito revise, re-signifique suas cadeias significantes, reveja seu saber inconsciente, que, atualizado na transferência com um analista — presente, enquanto Outro, por sua escuta e, enquanto semblante do *objeto a*, por seu corpo —, tem a chance de se transformar em não-saber, a partir do seu encontro com o *objeto a*, de seu encontro com sua pulsão em ato. Isso é sinônimo de um encontro com o não-sentido.

Diante desse encontro — que é encontro radical com a Castração e, portanto, de extrema angústia —, o sujeito tem três possibilidades, todas imprevisíveis.

### 1. A saída pela *père-version*: “identificação ao *sinthome*”

É a saída que significa ir adiante, quer dizer, admitir que o Outro como tal, como encarnado, não existe. Teoricamente, essa saída é denominada *destituição subjetiva*: destituição do Outro, do saber do Outro. Ela implica prescindir do sentido do Outro, o que faz com que o estatuto “representado” do objeto se desvaneça, possibilitando uma identificação com a própria falta, com o objeto no seu real estatuto de causa do desejo — *sinthome* —, que não se refere a nada de reconhecível, é puro apagamento, é ausência de sentido. Portanto, ela implica desmontar esse saber no qual o sujeito estava estruturado e, no seu lugar, colocar um *eu não sei* [sobre o ser], ou seja, um *não saber*.

A partir disso, cria-se para esse sujeito a possibilidade ou a necessidade de ter que inventar um saber para a sua falta de sentido — invenção a partir de suas próprias insígnias. Isso é o que, teoricamente, chama-se *saber fazer com*, ou seja, saber fazer outra coisa com o sintoma. Lacan chamou essa possibilidade de *père-version* — versão do pai — porque ela tem a mesma estrutura

---

<sup>6</sup> Sentido esse, em princípio, passível de um deslizamento infinito ( $S_1, S_2, S_n$ ), tanto em termos simbólicos quanto imaginários.

da função paterna, na qual um pai só se sustenta como tal, na medida em que coloca *uma mulher*<sup>7</sup> como objeto de seu desejo, e não o filho<sup>8</sup>. É isso que instaura a lei e o desejo. Ora, *saber fazer outra coisa com seu sintoma* é exatamente isso: não colocar o outro como seu objeto; é saber que o objeto falta.

Essa saída da análise pela *père-version* coincide com seu fim lógico, permitindo que um analisando passe à condição de analista, quer dizer, passe a poder sustentar uma escuta de outrem, sem colocá-lo como aquele de quem viria uma garantia qualquer para o seu ser, nem mesmo a de ser analista. Portanto, é uma escuta na qual aquele que a sustenta não está como sujeito desejante.

O *desejo do analista* é outra coisa; diz respeito a um *savoir-faire* homólogo à *père-version*, ou seja, significa o sujeito analista poder sustentar seu desejo fora da situação da análise; significa desejar *outra coisa* que não o reconhecimento, o amor de seu analisando. *Desejar outra coisa* instaura o *desejo do analista* como incógnita desafiadora, instigadora.

Essa saída da análise implica um paradoxo, pois o desejo em questão escapa a qualquer identificação com um objeto encarnável, especularizável — trata-se da identificação com o vazio. É exatamente essa identificação que qualifica a ética do psicanalista. Ele se vê convocado (e não habilitado) a re-instaurar com outrem a operação que o identifica com o vazio. Essa operação é a única que lhe permitirá sustentar esse vazio. Por isso, torna-se imprescindível. Não há escapatória.

## 2. A saída pela perversão: identificação ao Outro (A não barrado)

Essa saída refere-se àquela na qual o sujeito não suporta o confronto com a Castração.

Confrontar o irreduzível do gozo com o não-saber é um momento crucial, um momento de extrema angústia, pois é um ponto no qual o sujeito já não pode mais acreditar nos ideais, não pode mais culpar o Outro, enfim, não pode mais se colar ao objeto — ser o falo que falta à mãe. Aí, não sabe mais quem é. Surge o horror da Castração, o que pode transformar-se num impasse.

Nada obriga um analisando a ir além desse ponto, a ir além do confronto com o não-sentido. Nesse momento, no lugar do não-saber, do *eu não sei*, o sujeito pode colocar o *eu não quero saber*, ou seja, pode recusar a escolha pelo *sinthome*, que afinal remete ao nada, ao vazio. Essa recusa, que é o mecanismo da perversão, significa reinstaurar a dimensão do sintoma no campo do significante, para obter reconhecimento, amor.

Uma vez que essa possibilidade ocorre num momento de final de análise, em que o sujeito já conhece a gramática do seu desejo, podendo administrar seu sintoma, o risco freqüente é o saber da fantasia se transformar em agir. Aí, ao invés de atravessar a fantasia, o sujeito a atua; ao invés de identificar-se com seu *sinthome*, com a causa de seu desejo, o sujeito identifica-se com aquilo que determina essa causa, ou seja, o Outro do discurso, fazendo-se de Outro do Outro: identifica-se não à falta de objeto, mas ao próprio objeto, transformando-se no objeto que falta ao Outro. Em outras palavras, identifica-se com as insígnias do falo enquanto poder e não enquanto falta.

Portanto, isso implica uma saída da análise pela via da perversão. O sujeito se reinstala no saber perverso da fantasia.

O grave dessa saída é que o sujeito pode, em nome do saber que a análise lhe conferiu, utilizar-se do título de analista numa posição de poder, daquele que sabe o que determina o desejo, jogando com o desejo de outrem. Lacan chamou isso de canalhice. Não sei se esse é o caso, pois

<sup>7</sup> (...) *um pai só sustenta a função de pai se estiver perversamente orientado, quer dizer, fazendo de uma mulher o seu objeto a. É isso que quer dizer père-version (...): o pai há que ser desejante.* J. Lacan, *O Seminário*, livro 22, RSI, aula de 13 de janeiro de 1975. Tradução de texto policopiado, feita pela EFBA.

<sup>8</sup> Em função se constituir como a Lei do desejo da Mãe, barrando seu gozo.

não se pode tomar essa saída só do ponto de vista moral. Ela é uma das possibilidades de escolha para um sujeito. Se ela é muito grave, se é uma impostura, é a própria Psicanálise que precisa encontrar um modo de problematizar essa saída, que não a moral.

### 3. A não saída ou a análise interminável: identificação com o sintoma (A barrado)

E, por fim, pode-se falar ainda das análises sem saída, ou seja, aquelas que não conseguem chegar à sua conclusão lógica. Refiro-me às análises intermináveis, em termos de um tempo lógico e não cronológico, nas quais, no lugar do se *identificar com o sinthome*, instala-se um se *acostumar com o sintoma*: o sujeito não sai do campo do significante. Trata-se daquilo que Lacan chamou *gozar do inconsciente* ou *gozo do deciframento*<sup>9</sup>.

Nessa perspectiva, que é a do sintoma e não do *sinthome*, o sujeito fica no discurso do Outro, fica numa transferência eternizada, na qual existe uma espécie de *amor ao saber*, absolutamente separado do *desejo de saber*.

Por sua vez, o próprio *desejo de saber* é suspeito em Psicanálise, na medida em que o recalçamento indica que não há desejo de saber, mas horror ao saber, contra o qual se costuma erigir, como defesa, a *sede de conhecimento*, ou ainda, o amor. Nesse sentido, *querer saber* é sempre querer saber sobre o Outro.

Parece-me que foi exatamente na perspectiva de uma eternização do Outro, de uma eternização do amor de transferência enquanto uma satisfação *sui generis*, que Lacan se colocou a questão sobre a possibilidade de a Psicanálise ter criado uma nova forma de perversão.

Como conclusão, pode-se dizer que essas diferentes saídas de uma análise, embora imprevisíveis, dependem muito, senão sempre, da sustentação ou não, por parte do analista, da sua função de *desejo do analista*, a partir da sua posição de *semblante do objeto a*. Em outras palavras, as saídas dependem de o analista ter saído de sua própria análise<sup>10</sup> pela via da *père-version* – ter atravessado sua fantasia fundamental, mesmo que para isso tenha precisado fazer vários percursos de análise.

Pode-se dizer que se em sua própria análise o analista ficou na dimensão do sintoma e não do *sinthome*, ficou no *gozar do inconsciente*, e não do *impossível do gozo*, ele fica impossibilitado de funcionar no *não-saber*, de promover *atos analíticos*, quer dizer, de ser surpreendido e, portanto, de surpreender seus analisandos, fazendo-os surgir como sujeitos divididos.

Por fim, para retomar a questão da formação, cabe ressaltar ainda que “não estar no lugar do analista como sujeito” (estar no lugar do morto) e “saber fazer com” são as condições que definem o que é o analista. Isso não tem nada a ver com uma especialização, uma formação acadêmica ou profissional, mas se refere a uma *posição subjetiva*, ou melhor, a uma *destituição subjetiva*, consequência do trabalho da análise. Não há grupo, instituição ou universidade que substituam esse trabalho.

#### Bibliografia:

LACAN, J. O *Seminário*, livro 5 – *As Formações do Inconsciente* (1957/58). Rio de Janeiro: JZE, 1999.

---

<sup>9</sup> Seminários 21, 22 e 23.

<sup>10</sup> Essa análise cujo percurso nem sempre é feito de uma só vez, e nem sempre com o mesmo analista.

\_\_\_\_\_ Seminário 21 (1973-1974). *Os não patos erram*. Inédito.

\_\_\_\_\_ Seminário 22 (1974-1975). *RSI*. Inédito

\_\_\_\_\_ Seminário 23 (1976-1977). *Lê Sinthome* . Inédito.